

A Geografia na Contemporaneidade

2

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Geografia na Contemporaneidade 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 A geografia na contemporaneidade 2 [recurso eletrônico] / Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (A Geografia na Contemporaneidade; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-019-3

DOI 10.22533/at.ed.193182112

1. Geografia – Educação. 2. Geografia humana. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 910

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“A Geografia na Contemporaneidade- Geografia, educação e território”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, apresenta, em seus 26 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase na educação, comunidades tradicionais e território.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, educação, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras, etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como educação, comunidades tradicionais, território.

Neste sentido, este volume é dedicado a Geografia humana. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos Geógrafos e profissionais de áreas afins, em desvendar a realidade dos espaços geográficos.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO

CAPÍTULO 1	1
COMO APRENDEMOS A ENSINAR GEOGRAFIA? A EXPERIÊNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL	
Ana Carolina Lydia	
DOI 10.22533/at.ed.1931821121	
CAPÍTULO 2	16
GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: OBSERVAÇÃO DO ENSINO E UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DO ALUNO E DO PROFESSOR NA CIDADE DE CAICÓ/RN	
Iapony Rodrigues Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.1931821122	
CAPÍTULO 3	25
O CONCEITO DE LUGAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS	
Ismael Donizete Cardoso de Moraes	
Vanilton Camilo de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1931821123	
CAPÍTULO 4	36
POLÍTICA PÚBLICA “ESCOLA DA TERRA”: PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA OS PROFESSORES DAS ESCOLAS DO CAMPO NA BAHIA	
Cássia Hack	
Celi Nelza Zülke Taffarel	
Sicleide Gonçalves Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.1931821124	
CAPÍTULO 5	48
A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS DICOTOMIAS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
Reinaldo Pacheco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1931821125	
CAPÍTULO 6	63
AÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA AOS HAITIANOS NO BRASIL	
Fátima Regina Cividini	
Valdir Gregory	
DOI 10.22533/at.ed.1931821126	
CAPÍTULO 7	76
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARACUJÁ EM CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA: UMA LEITURA SOCIOESPACIAL DA REALIDADE.	
Romisval Silva dos Santos	
Elane Bastos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1931821127	

CAPÍTULO 8 83

COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDOS DE PASTO NA DEFESA PELOS DIREITOS TERRITORIAIS: O QUE ESPERAR DA LEI ESTADUAL 12.910/2013

[Vanderlei Rocha Lima](#)

DOI 10.22533/at.ed.1931821128

CAPÍTULO 9 95

O RETORNO DOS KAINGANG À TERRA INDÍGENA INHACORÁ APÓS A DESAPROPRIAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

[Alice do Carmo Jahn](#)

[Gabriela Manfio Pohia Lisboa Neris](#)

[Elaine Marisa Andriolli](#)

[Antônio Joreci Flores](#)

[Maria da Graça Porciúncula Soler](#)

DOI 10.22533/at.ed.1931821129

CAPÍTULO 10 109

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: UMA ANÁLISE DO ASSENTAMENTO NOVA ESMERALDA DO TERRITÓRIO RURAL DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA - RS

[Alessandra Daiana Schinaider](#)

[João Ernesto Pelissari Candido](#)

[Daiane Netto](#)

[Anelise Daniela Schinaider](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211210

CAPÍTULO 11 118

O ESTADO QUE DÁ COM UMA MÃO E NEGA COM A OUTRA: A ATUAL CUJUNTURA DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS NO BRASIL PELO Cimi

[Yasmine Altimare da Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211211

CAPÍTULO 12 127

TERRITORIALIDADE CONSCIENCIOLÓGICA: CARACTERIZAÇÃO DE UM FLUXO MIGRATÓRIO FRONTEIRIÇO

[Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva](#)

[Valdir Gregory](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211212

CAPÍTULO 13 141

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E O TURISMO COMO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

[Guilherme de Barros Melo](#)

[Orlando Bispo dos Santos.](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211213

CAPÍTULO 14 152

TRAMAS QUE APROXIMAM A JUVENTUDE RURAL NO TERRITÓRIO CENTRO-SUL DO PARANÁ: OLHARES DESDE AS IDENTIDADES, A AUTONOMIA E A TERRITORIALIDADE

[Cristiane Tabarro](#)

[Alvori Ahlert](#)

[Valdinéia Ferreira](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211214

CAPÍTULO 15	165
O DESEMPENHO DA POLÍTICA TERRITORIAL NO DESENVOLVIMENTO RURAL DO TERRITÓRIO VALE DO PARAÍBA	
Maria José Ramos da Silva Renata Felinto Farias Aires Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.19318211215	
CAPÍTULO 16	182
OS CONFLITOS NO CAMPO DO TOCANTINS: A BARBÁRIE PERMANECE	
Alberto Pereira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.19318211216	
CAPÍTULO 17	193
UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO	
Julie Mathilda Semiguem Pavinato Emerson Ferreira da Silva Irene Carniatto	
DOI 10.22533/at.ed.19318211217	
CAPÍTULO 18	208
AS TESSITURAS DO MUNDO DO TRABALHO EM ITABAIANA-SE	
José Danilo Santos Cavalcanti de Araujo Maria Morgana Santos Santana Lucas de Andrade Lira Miranda Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.19318211218	
CAPÍTULO 19	218
DO CONCRETO A MEMÓRIA: O MONUMENTO COMO REPRESENTAÇÃO	
Samuel Cabanha André Avelino Cabanha	
DOI 10.22533/at.ed.19318211219	
CAPÍTULO 20	233
ELEMENTOS ESPACIAIS E CENTRALIDADE PERIFÉRICA - O CASO DE TEFÉ NO AMAZONAS	
Kristian Oliveira de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.19318211220	
CAPÍTULO 21	249
FORMAS DE ACESSO Á TERRA EM FEIRA DE SANTANA (BA): UMA ANÁLISE A PARTIR DO TERRITÓRIO.	
Ângela Carine Felix de Oliveira Matos Gilmar Oliveira da Silva Elane Bastos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.19318211221	
CAPÍTULO 22	260
REPRESENTAÇÕES DOS CONSELHEIROS SOBRE A ARTICULAÇÃO CULTURA E NATUREZA NA GESTÃO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL SERRA DONA FRANCISCA	
Fernanda Dalonso Mariluci Neis Carelli	
DOI 10.22533/at.ed.19318211222	

CAPÍTULO 23	269
O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA, ESPECULAÇÃO FUNDIÁRIA E O CONJUNTO HABITACIONAL NAIR BARRETO NA CIDADE DE XIQUE-XIQUE-BA	
Janes Terezinha Lavoratti Marciel Todão da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.19318211223	
CAPÍTULO 24	280
PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM CIDADES PEQUENAS: UM ESTUDO DE GUARACIAMA/MG	
Aline Fernanda Cardoso Valéria Aparecida Moreira Costa Iara Soares de França	
DOI 10.22533/at.ed.19318211224	
CAPÍTULO 25	294
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA/MG, NO PERÍODO 1850/1920: POPULAÇÃO, CAFÉ E TERRITÓRIO	
Pedro José de Oliveira Machado	
DOI 10.22533/at.ed.19318211225	
CAPÍTULO 26	309
TURISMO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DO SANTUÁRIO BOM JESUS DA CANA VERDE – SIQUEIRA CAMPOS – PR	
Guilherme Ferrari Oliveira Rodrigo Aparecido Mendonça Vanessa Maria Ludka	
DOI 10.22533/at.ed.19318211226	
SOBRE A ORGANIZADORA	319

COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARACUJÁ EM CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA: UMA LEITURA SOCIOESPACIAL DA REALIDADE.

Romisval Silva dos Santos

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana- BA

Elane Bastos de Souza

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana- BA

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo sobre a comunidade negra rural e quilombola do Maracujá em Conceição do Coité – Bahia, localizada no Território do Sisal, em que tem como objetivo diagnosticar os fatores que influenciaram na organização socioespacial dos negros quilombolas da comunidade, verificar como o povo da comunidade se organiza no seu espaço e avaliar a eficácia das políticas públicas que são presentes na comunidade. É trabalhado o conceito de espaço na perspectiva de Milton Santos, para elencar a importância desse conceito geográfico no estudo da comunidade. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo em que foi realizado um trabalho de campo para fazer uma leitura socioespacial através da realidade enfrentada pela comunidade. Diante dos dados coletados é perceptível que a comunidade do Maracujá se utiliza da terra como produto para sua subsistência, porém enfrentam alguns entraves com relação a seca e com a falta de água encanada.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade quilombola.

Terra.Espaço.

ABSTRACT: This article presents a study about the black and rural community of Maracujá in Conceição do Coité-Bahia, located in the Territory of Sisal, in which the objective is to diagnose the factors that influenced the socio - spatial organization of the community's black quilombolas, to verify how the people of the community is organized in its space and evaluate the effectiveness of the public policies that are present in the community. The concept of space is worked out in the perspective of Milton Santos, to emphasize the importance of this geographical concept in the study of the community. It is a qualitative research in which a field work was carried out to make a socio-spatial reading through the reality faced by the community. In view of the data collected, it is noticeable that the passion fruit community uses land as a product for their subsistence, but they face some obstacles in relation to drought and lack of running water.

KEYWORDS: Quilombola community. Earth. Space.

1 | INTRODUÇÃO

A luta pela garantia dos direitos quilombolas é marcada por um histórico de

conflitos e reivindicações, em que homens e mulheres negras buscavam o quilombo como forma de resistência e de liberdade. Com a constituição de 1988, aluta pelos direitos quilombolas se somou de forma intensa, em que resultou em vários manifestos uma grande marca de luta da população de origem africana. O objetivo do trabalho é trazer uma discussão e reflexão sobre a dimensão de identidade histórica e o processo de organização da comunidade quilombola do Maracujá de Conceição do Coité – BA e verificar a eficácia das políticas públicas que são presentes. A luta por uma identidade histórica de um povo que lutou por esse reconhecimento de pertencimento que está previsto no art.-68 ADCT da constituição de 1988: (...) O art. 68 do ADCT tem uma redação assaz sintética, de forma que “aos remanescentes de comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

No Brasil já foram identificadas cerca de 3.000 comunidades quilombolas. Destas, mais de 1.826 são certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP), totalizando cerca de 2,2 milhões de pessoas. Os exemplos de titulações concluídas devem-se à luta persistente dos movimentos em favor dos direitos quilombolas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) – órgão da esfera federal, competente pela delimitação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes de quilombos. (Extraído do site: <http://www.direito.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=70>).

É de fundamental importância o estudo dessa comunidade quilombola do Maracujá, por fornecer uma visibilidade histórica no município de Conceição do Coité-BA, como recorte espacial de identidade e por ser uma das poucas do Território do Sisal e a primeira a ser certificada pela Fundação Cultural Palmares. A partir do que foi explanado, é levantada uma discussão com autor que fundamenta presente trabalho a partir do conceito relevante para o tema central dessa pesquisa como, o conceito de espaço.

Foram utilizados na pesquisa os métodos de procedimento histórico e comparativo, fazendo uma busca histórica sobre a comunidade estudada e analisando todo processo que influenciou para o que chamamos hoje de comunidade quilombola do Maracujá depois do seu reconhecimento, o método de abordagem o dialético para entender as mudanças ocorridas na organização do espaço “comunidade” e os fatores que ocasionaram para a sua configuração, analisar como os moradores da comunidade se relacionam com a terra e as problemáticas que são enfrentadas.

Foi realizada uma pesquisa de campo na comunidade, com a intenção de compreender a sua configuração socioespacial a partir da realização de entrevistas com o objetivo de obter dados para dá uma melhor fundamentação.

1.1 Caracterização de Área

A área na qual foi elaborada essa pesquisa fica a 18 km do centro da cidade de Conceição do Coité - BA no Território do Sisal, nas proximidades de Riachão do Jacuípe, porém a comunidade é pertencente à cidade de Conceição do Coité - BA

que tem população estimada 2016 (1) 67.875, área da unidade territorial 2015 (km²) 1.016,006.



Figura 01- Localização aproximada da Comunidade

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/E31>

2 | A COMUNIDADE DO MARACUJÁ E SEU PROCESSO DE RECONHECIMENTO

A questão do reconhecimento trouxe para a comunidade uma identidade de modo que essas transformações refletem diretamente na forma como passam a ser percebidas pela sociedade.

A comunidade quilombola do Maracujá de Conceição do Coité recebeu seu certificado no dia 04 de junho de 2014, junto com o Governo Federal e o Ministério da Cultura diante a responsabilidade da Fundação Cultural Palmares, reconhecida como comunidade quilombola. Maria Tereza Gomes do Espírito Santo, coordenadora executiva da Secretaria da Promoção de Igualdade do Estado da Bahia (*SEPROM/BA*) traz umareflexão sobre esse processo ao afirmar que:

“O entendimento é que precisa ter políticas efetivas, organizadas, continuadas, que dê conta de superação das diferenças que o racismo impôs. Desde 2003 que no Brasil vem sendo construídas políticas diversas, entre essas políticas está justamente o processo de certificação de reconhecimento de comunidades Quilombolas”.

Extraído do site:< <http://www.calilanoticias.com/2014/11/coite-maracuja-teve-a-maior-comemoracao-pela-certificacao-de-comunidade-quilombola.html/>>. Acesso em outubro. 2016.

A comunidade do Maracujá reflete um histórico de luta, os moradores compreendiam a extrema importância do reconhecimento para a comunidade e a certificação pela Fundação Cultural Palmares, com a certificação em mãos as situações problematizadas iriam mudar pois resultaria em benefícios que amenizaria os problemas que eram enfrentados pela comunidade, passariam ter acesso aos direitos fundamentais garantidos pelo Governo Federal, entre eles, melhorias nas áreas

de moradia, saúde e educação, programas como; Minha Casa Minha Vida Rural, o Luz para Todos, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Programa de Bolsa Permanência.

A comunidade do Maracujá tal como é intitulada passou por alguns entraves no seu processo de reconhecimento, na qual o presidente da associação “Hélio do povo” juntamente com a comunidade local fizeram uma documentação de reivindicações explicitando seus direitos e foi até a cidade de Salvador na Fundação Cultural Palmares reivindicá-los, ao decorrer do tempo os mesmos receberam visitas da fundação para conhecer a comunidade e logo foi entregue o certificado.

3 | COMUNIDADES QUILOMBOLAS A PARTIR DO CONCEITO DE ESPAÇO

Para uma melhor interpretação de como se dá a dinâmica da comunidade do Maracujá e as relações sociais, culturais e políticas que são presentes é de suma importância a leitura do conceito geográfico que está presente na pesquisa e que auxilia para sua fundamentação, o conceito de espaço.

Milton Santos traz uma consideração de espaço como totalidade. Para ele as relações se dão através de funções e formas, correlacionando com a questão do tempo passado-presente e as transformações que podem ocorrer na dinâmica no espaço. A comunidade do Maracujá reflete uma realidade de luta que é problematizada desde o passado, no contexto presente está diretamente ligado à vivência dos moradores que residem no local, envolvendo as questões sociais, culturais e políticas. Ele traz uma abordagem no conceito de espaço na qual retrata:

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

O espaço é organizado socialmente, com formas e funções definidas historicamente, pois está diretamente ligada a relação de moradia do homem no lugar e que o mesmo está sempre se reorganizando através das mudanças que ocorrem num determinado espaço, a comunidade do Maracujá de Conceição do Coité - BA reflete uma historicidade que permeia a sua dinâmica desde o passado e que é peculiar hoje, a falta de políticas públicas que são presentes ainda no contexto atual é problematizado desde muito tempo.

4 | A COMUNIDADE NEGRA RURAL QUILOMBOLA DO MARACUJÁ: UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL

Segundo entrevistas feitas com algumas pessoas da comunidade e principalmente

com um dos casais mais antigos que residem lá; Edite conhecida como Merquida de 84 anos, e Senhor Rafael de 92 anos relataram que há muito tempo atrás quatro irmãos conhecidos como Zé de Souza, Calistra, Severino e Gregório, compraram 400 tarefas de terras e cada um ficaram com 100 tarefas, com esse processo de divisão e povoamento no local existiam muitos maracujás de outra categoria, como eles mesmos chamam “maracujá de boi”, esses irmãos utilizavam de alguns galhos dessa planta que originava esse fruto para demarcar suas tarefas, mediante a esse fator começaram a usar o termo do lugar de Maracujá, dando identificação ao local e até hoje por uma questão de tradição desses ancestrais o nome da comunidade ficou legitimada como comunidade quilombola do Maracujá.

As famílias que residem na comunidade do Maracujá, sempre utilizaram da agricultura para subsistência, mas naquela época segundo dona Edite e seu Rafael moradores da comunidade a realidade era mais conflituosa do que hoje, na entrevista eles ressaltam, que a as famílias que moravam na comunidade trabalhava muito com o sisal para o sustento das famílias, a moradora Edite (entrevistada), relata que a sua mãe que já é falecida enfrentava muitas dificuldades para a criação dela e dos irmãos, pois era muito difícil o contexto naquela época, chegaram a comer como ela mesma diz: “papa de beldroega” uma planta comum da região. Eles relatam que o deslocamento para Conceição do Coité era a pé, pois não havia transportes, deslocavam-se para o centro da cidade que ainda era muito pequena a procura de água que encontravam numa fonte, que na época era chamada de “fonte da conceição” e retornavam com a água para a comunidade.

Em umas das falas senhor Rafael, ele diz: “A seca e a falta de água sempre foi o problema”, a comunidade é bastante precária nesse sentido, os moradores sofrem bastante com essa situação, a comunidade não tem encanação de água e depende de um carro pipa que é destinado de Coité e abastece uma cisterna que fica localizada na única escola que existe na comunidade, em que todos os moradores se abastecem com essa água, fazendo o abastecimento através de carroças, carros de mão e até mesmo a pé, levando-as sobre a cabeça. Alguns pequenos agricultores tentam investir na produção para a sobrevivência e para comercializar no centro da cidade de Coité, porém os mesmos indagam que a seca não contribui para a produção, no contexto presente não estão nem plantando devida essa problemática. A comunidade se reúne com o presidente da associação local conhecido como “Hélio do povo” e a assistente social procurando desenvolver projetos para que possam está lutando por políticas públicas que beneficiem a comunidade, segundo o presidente da associação tem melhorado um pouco mais que existem diversas problemáticas na busca por soluções.

A comunidade do Maracujá tem uma extrema importância para a cidade de Conceição do Coité, por ser uma comunidade que teve seu direito garantido do reconhecimento e por ser a primeira comunidade do território do sisal a ser reconhecida como quilombola pela Fundação Cultural Palmares.

A história dos moradores do Maracujá imprime uma realidade que é vista em

diversos contextos no mundo, são perceptíveis várias comunidades tradicionais quilombolas no Brasil e na Bahia especificamente que passam por esse processo de reconhecimento como foi o da comunidade estudada e que lutam por uma visibilidade e pelos seus direitos. Diante do que foi pesquisado e estudado, as pessoas da cidade de Coité e localidades vizinhas veem a cidade de Conceição do Coité hoje “com outros olhos”, sabe que existe um povo a parte que representa uma história e uma marca cultural, a comunidade do Maracujá é uma representatividade cultural e que muda as linhas dando mais significado a história de Conceição do Coité.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade do Maracujá pelo que foi evidenciado emite uma realidade que é vista em diversos contextos de luta nas comunidades quilombolas brasileira, a busca por um reconhecimento, uma certificação e por uma afirmação de território. Outro fator que foi analisado diante a pesquisa na comunidade é que existe ainda uma grande discriminação racial e preconceito com negros quilombolas. Diante dos dados coletados ficou explícito que os moradores da Comunidade do Maracujá em Conceição do Coité vivem em um processo de precariedade e que lutam contra as dificuldades impostas, mais não conseguem com força resultante um aparato do governo com políticas públicas para contribuir na melhoria de vidosos negros quilombolas que residem ali, os mesmos sobrevivem com o pouco que recebem, e que a falta de água encanada e a seca são um dos principais entraves que dificultam a vida dos moradores. É perceptível que os moradores do Maracujá lutaram por suas terras, hoje tem um nome marcado por lutas e um reconhecimento. Existem diversas problemáticas a serem resolvidas mais a comunidade tem como urgência a ser resolvida, são a questão da água encanada, uma unidade de saúde e a circulação de transporte, para os moradores até o centro da cidade, são fatores preocupantes.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. In: **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. V. 20 p. 180-185. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_20.pdf. Acesso em: Abril. 2017.

CALILA NOTÍCIAS. **Maracujá teve a maior comemoração pela certificação**. Disponível em <<http://www.calilanoticias.com/2014/11/coite-maracuja-teve-a-maior-comemoracao-pela-certificacao-de-comunidade-quilombola.html/>>. Acesso em outubro.2016.

ESMERALDA NOTÍCIA. **Os territórios quilombolas como espaços de preservação da identidade nacional e do meio ambiente**. Disponível em:<<http://www.esmeraldanoticias.com.br/noticias/os-territorios-quilombolas-como-espacos-de-preservacao-da-identidade-nacional-e-do-meio-ambiente/>>. Acesso em: novembro 2016.

PRIOSTE, BARRETO. A.F. **Território quilombola uma conquista cidadã! “Secretaria de políticas de Promoção da Igualdade Racial”**. 2012.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, (Edusp, 1978.)

Território quilombola de uma conquista cidadã. 2012. Disponível em: <<http://terradedireitos.org.br/wp-content/uploads/2012/12/Cartilha-formação-com-jovens-quilombola.>>. Acesso: Março de 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-019-3

